

O atraso é de US\$ 5 bilhões, diz o *Financial Times*.

O *Financial Times* de Londres noticiou ontem que os atrasados do Brasil já se elevariam agora a cinco bilhões de dólares, em confronto com os 2,8 bilhões oficiais em setembro. Andrew Whitley, correspondente do FT afirma que nesse total estão incluídos 1,05 bilhão de dólares devidos ao Banco de Pagamentos Internacionais e 3,7 bilhões a bancos comerciais, em empréstimos e juros. O representante de um grande banco norte-americano disse ao jornal que não está recebendo desde julho. Ele atribui isso a uma política de pressão que o governo brasileiro estaria usando para apressar as negociações do novo empréstimo de 6,5 bilhões de dólares que precisa ser concluído esta semana.

Não viria tudo

Quanto a esta operação, o *Wall Street Journal* publica em sua edição européia que alguns grandes bancos estão convencidos de que pelo menos 5,5 bilhões seriam subscritos pelos 830 bancos convidados a participar do jumbo. As respostas dos bancos que operam na City de Londres já teriam chegado a mais de 400 milhões de dólares, esperando-se que esse total se eleve a 800 milhões. A maioria dos banqueiros ouvidos pelo *Wall Street Journal* admitia que se poderá integralizar entre 5,8 e 6 bilhões de dólares. Poucos acreditam, porém, que os grandes bancos, que integram o comitê coordenador da dívida externa brasileira, estariam em condições de cobrir a diferença que não fosse integralizada. Qualquer soma da ordem de um bilhão de dólares para completar os 6,5 bilhões seria demais, acrescentam.

Guy Huntrod, do *Lloyds Bank*, disse ao *WSJ* que "tem razões para estar otimista", embora admita que há muito ainda por fazer nos próximos dias.

Outro banqueiro, este do Brasil, desabafou: "Não adianta falar mais. Nem dar prazos até hoje à noite; o prazo vai até o início da reunião do FMI, dia 18. Até lá, é só esperar deixar baixar a poeira.

O jornal norte-americano atribui também ao representante de um banco médio a frase: "Alguém vai ter de me convencer de que este band-aid cobrirá a crescente ferida".

Outra preocupação é que se não forem integrados os 6,5 bilhões, o Brasil talvez tenha de retornar ao mercado em meados do próximo ano, negociando um novo empréstimo.

Alberto Tamer, de Londres.